

10 de Março
4 FEB 30/07/86

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
COD. GMD 18

COORDENADORIA DE TERRAS INDÍGENAS/SG/MIRAD

Informação Técnica nº 68

NOTÍCIA SOBRE A QUESTÃO DA TERRA E AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS GUARANI E MESTIÇOS DO MORRO DOS CAVALOS/Palhoça/SC*

Um grupo formado por treze pessoas, sendo oito Guarani, um branco e quatro mestiços vive na localidade conhecida como Morro dos Cavalos, junto à BR 101, a aproximadamente 35 kms. ao sul de Florianópolis, e situada no município de Palhoça, SC. Esta população se constitui basicamente por parte da descendência do casal Guarani (Mbyá) Júlio Moreira e Isolina Moreira, ambos provenientes do Paraguai, mas com experiência de vida pelo interior do Sul do Brasil. Este casal se fixou em terras próximas à atual ocupação, mais precisamente a uns 4 kms. mais ao sul, no local conhecido como Cabeceira da Ponte, há aproximadamente quarenta anos. Os que hoje ocupam Morro dos Cavalos ali vivem há uns dezoito anos. Segundo informação de Rosalina Moreira seus pais saíram do Paraguai "porque estavam destruindo tudo por lá". Em Palhoça eles criaram seus filhos (vivos), retirando da agricultura (pequenas roças) e da produção artesanal o seu sustento.

* Inicialmente gostaríamos de ressaltar que a companhia da antropóloga Dagmar S.von Lising (ligada à UFSC) foi fundamental por ocasião do trabalho de campo realizado junto aos Guarani e mestiços do Morro dos Cavalos, especialmente no momento em que se tentava o estabelecimento de um "rapport" favorável que nos permitisse a obtenção de um número razoável de informações num tempo realmente reduzido. De fato, logo que chegamos à área, as indígenas presentes demonstraram temor em fornecer informações. Mas introduzindo questões relativas à saúde das crianças e à organização familiar, a referida antropóloga criou condições para que as indígenas viessem a se sentir mais à vontade, viabilizando assim um ambiente mais favorável para realizarmos uma breve investigação.

As terras ocupadas por estes Guarani e mestiços nunca foram regularizadas pelo SPI ou FUNAI. Conforme as informações obtidas, tais terras seriam de propriedade de um conhecido Sr. Beto, morador da Enseada do Brito. Pelo que pudemos observar, as terras atualmente ocupadas não chegam a totalizar um hectare. Elas foram, inclusive, bem delimitadas e cercadas. Mas ante a formação topográfica, uma das casas recentemente construídas no local ficou fora do perímetro antes definido. Estas casas, de madeira e cobertas com telhas de amianto e num total de quatro, foram construídas sob a coordenação de uma funcionária do BESC (Banco do Estado de Santa Catarina), de nome Cida Bianchini. No período anterior à construção das casas os indígenas e mestiços possuíam habitações de "pau-a-pique", cobertas de sapé. Além das casas pudemos observar uma minúscula área ocupada por uma horta, por um galinheiro e um pomar formado basicamente de bananeiras, todos de tamanho reduzido. Mas de acordo com os esclarecimentos de Rosalina, elas podem plantar roças se quiserem, em terras contíguas.

A subsistência dessa pequena comunidade é proveniente da produção artesanal e dos rendimentos auferidos com trabalhos eventuais, ou do salário de um branco casado com uma Guarani. De fato, os irmãos Rosalina, Lurdinha e Amilton, bem como Milton, o filho de Lurdinha, dedicam-se basicamente à produção artesanal, no caso, formada por cestaria e arcos e flechas. Amilton e Milton também realizam trabalhos eventuais (como diaristas ou por empreitada), nas proximidades. E o marido de Rosalina, o branco Luiz Carlos, contribui com seu salário semanal de mecânico (600 cruzados semanais). A produção artesanal em geral é vendida no próprio local de moradia, onde armam uma

"banca" ou "barraca" junto à estrada, para exposição. Pelo que nos foi informado, é no período do verão que eles conseguem comercializar melhor sua produção, já que pela BR 101 passam milhares de turistas, muitos dos quais adquirem seus trabalhos. Os preços variam de acordo com o tamanho das peças, mas normalmente é a seguinte a média (p/junho de 1986):

- balaio para roupa: -grande Cz\$ 100,00
- médio Cz\$ 70/80,00
- cestos pequenos: Cz\$ 30/40,00
- arcos e flechas: Cz\$ 50,00.

Em que pese a precariedade de suas condições de sobrevivência no local, os Guarani e mestiços de Morro dos Cavalos não pretendem abandonar a área que ocupam. Nossos informantes inclusive criticaram as "andanças" dos outros Guarani, com o que não concordam. Elas também adiantaram que não pretendem se transferir para a Reserva Indígena de Ibirama, mais precisamente para o Toldo Tateto ou para o Toldo Itopava. E disseram mais, que na verdade vivem "ali sossegadas", sem serem importunadas por ninguém. O que não ficou claro no depoimento das indígenas Rosalina e Lurdinha é a razão de terem tido sua área de ocupação cercada, ou tão reduzida, já que suas indicações apontam para uma prática constante de roças no local. Este processo que levou à delimitação da área e conseqüente cercamento teria, realmente, ocorrido sem conflito?

A comunidade em questão recebe seguidamente Guarani de outras áreas ("te'yi" ou "tekoha"); mas especialmente aqueles que se encontram de passagem pelo litoral, ou que viajam à Florianópolis para vender sua produção artesanal. Apesar das críticas ao que chamam de "estradeiros", Rosalina e Lurdinha

* Ver ALMEIDA, 1985: 9 e 10.

nos deram indicações de que apreciam as visitas desses Guarani. Certamente que elas e os demais integrantes de sua pequena comunidade aproveitam tais oportunidades para se informarem sobre seus parentes que vivem em outras áreas. Na oportunidade o Milton inclusive estava na Reserva Indígena de Ibirama, e seu tio Amilton, junto com sua família, se encontrava em Tubarão, na casa de parentes. Como se observa, não só eles recebem visitas, mas também se deslocam para outras aldeias Guarani, mantendo assim uma prática social muito própria dos Mbyá-Guarani - os "oguatá".*Pelo que se pode concluir ante as evidências, os Guarani e mestiços de Morro dos Cavalos também podem ser incluídos na categoria "estradeiro", a qual tanto criticaram em nossa presença. Mas o importante no caso é que dando continuidade à prática dos "oguatá", estes Guarani e mestiços conseguem se manter informados sobre seus parentes, o que certamente contribui no sentido da continuidade de importantes relações sociais e de parentesco.

Basicamente três famílias ocupam a área Morro dos Cavalos, conforme relação que segue:

1. Luiz Carlos Machado (branco), 32 anos, procedente de Capoeiras; casado com Rosalina Moreira Machado (Guarani) 31 anos
Filhas: Roseli Machado, 12 anos (mestiça BG);
Rosilene Machado, 8 anos (mestiça BG);
Rogeane Machado, 6 anos (mestiça BG);
Roselânea Machado, 4 anos (mestiça BG);
2. Amilton Moreira, (Guarani), 24 anos; casado com Roseli Moreira, (Guarani), procedente de Tubarão; 37 ou 38 anos;
Filhos: Iran Moreira, Guarani, 9 anos; de um primeiro casamento de Roseli;
Kátia Moreira, Guarani, 6 meses;

* Ver ALMEIDA, 1985, citando SUSNIK (1979), pg. 12.

3. Lurdinha Moreira* (Guarani), 39 anos; se declarou viúva;

Filhos: Milton Moreira, Guarani, 19 anos;

Édson Moreira, Guarani, 3 anos; filho de criação;

As outras filhas do velho Júlio Moreira moram fora do "te'yi" Morro dos Cavalos:

1. Anadir José Amorim (Guarani), 37 anos, residente em Barreiros, é casada com

Antonio Amorim, (branco), 39 anos; "faz carvão";

Filhos: Ivo Amorim, 14 anos, mestiço BG;

Rita Amorim, 11 anos, mestiça BG;

2. Vera Lúcia Moreira, Guarani, 32 anos; trabalha como doméstica em Florianópolis;

3. Bernadete Moreira, Guarani, 25 anos, trabalha como doméstica em Barra Velha.

Segundo informações fornecidas por Rosalina e por Lurdinha, as demais irmãs não pretendem voltar a morar em Morro dos Cavalos; segundo seu entender, todos estariam vivendo "muito bem" fora dali, e muito menos pretendem se deslocar para alguma Reserva Indígena ou qualquer outra "tekoha" (aldeia).

As crianças em idade escolar (duas filhas de Rosalina) frequentam a Escola Isolada Maciambú Pequeno, escola rural das proximidades. Por seu turno a FUNAI nunca marcou presença na área, omitindo-se portanto quanto à proteção devida e estabelecida em lei e na Constituição Federal (Lei 6.001/73 e C.F.1967/1969). Com relação à assistência médica, todos recorrem aos serviços hospitalares de Florianópolis. Quanto à religião dizem-se

* Lurdinha nos disse que fora casada com um branco e que Milton seria fruto desse casamento. Se fora casada com um branco ou não não tivemos condições de comprovar, mas Milton é filho do Guarani Inácio Euzébio, morador do Toldo Iateto, da Reserva Indígena de Ibirama/Ibirama/SC, conforme tivemos condições de verificar, quando de nossa última visita aos Guarani dessa Reserva.

católicos e frequentadores da igreja de Enseada do Brito.

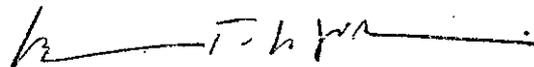
O "te'yi" Morro dos Cavalos continua conhecido como "área de índios", em que pese a exiguidade da área ocupada e do esforço de seus moradores em se identificarem com os "brancos", "civilizados". Por ocasião do "dia do índio" o local é visitado pelos meios de comunicação, em busca de matéria publicável. No último mês de abril um dos canais de televisão esteve na área, entrevistando os moradores. Mas eles ficaram muito constrangidos, pois foi noticiado que viviam na "imundície", o que consideraram não só uma ofensa, mas também um desrespeito. Os moradores ficaram sabendo pela senhora Cida Bianchini, que foi à área após a divulgação, saber o que estava ocorrendo. Esta situação é que estaria gerando temor de parte dos índios, no sentido de fornecer informações. Quando perguntamos especificamente sobre a situação das terras, nos disseram que "é difícil explicar esse assunto, a gente já tem medo de falar", após o que nos relataram o incidente ocorrido com os jornalistas/documentaristas, do canal de televisão.

Ante o exposto, e que resulta de uma rápida investigação in loco, consideramos como da maior urgência o encaminhamento de propostas concretas, especialmente com relação à problemática da terra em Morro dos Cavalos, a qual não só afeta a vida dos moradores, mas também de todos aqueles Guarani que ali fazem parada, por ocasião de seus deslocamentos (oguatá). Neste sentido, ainda que a um nível muito preliminar, propomos:

1. Ampliar os estudos sobre o grupo local, com o objetivo de fornecer subsídios para a elaboração de uma proposta de criação de reserva indígena;

2. Que a proposta a ser encaminhada privilegie as terras já ocupadas pelo grupo, e suas adjacências; será fundamental também, a manutenção da BR 101 como limite, já que a mesma se constitui em importante ponto para a comercialização da produção artesanal local;
3. Realizar levantamento fundiário da área, especialmente com vistas à indenização e possível reassentamento de não-índios.

Brasília, 23 de Junho de 1986



Ligia T. Lopes Simonian

Bibliografie citada

ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de.
1985. Relatório sobre a situação dos Guarani-Mbyá do Rio Grande do Sul: a questão da terra. Rio de Janeiro, FUNAI.
(ref. à Portaria nº 1852/E de 11.04.1985). 29 pgs.